

PSYCHÉ: UM ESTUDO SOBRE A ALMA NO *FÉDON* DE PLATÃO

PSYCHÉ: A STUDY OF THE SOUL IN PLATO'S PHAEDO

*Tiago do Rosário Silva*¹

Resumo:

Investigar a natureza da alma é, para muitos estudiosos, o tema central do *Fédon*. Muito embora seja difícil negar esta posição, ela não é exclusividade do interesse platônico nesse diálogo. Ao seu lado, e como forma de compreender os caminhos apresentados para empreender a explicação da natureza da alma, faz-se necessário buscar também compreender a sua relação com o saber. O tema da alma serve de fio condutor do diálogo. Nesse sentido, esse trabalho se centrará na questão da alma. Diante da necessidade de empreender um estudo acerca da abordagem platônica de *psyché*, é feita uma divisão para compreender os sentidos que podem ser extraídos da análise tanto da alma na cultura grega quanto na obra de Platão. Para tanto, o presente estudo, resultado parcial da pesquisa de mestrado do autor, abordará os sentidos de: vida, o sentido escatológico, o fisiológico, o psicológico, o ético, bem como uma perspectiva de unidade da alma auferida pela concepção epistemológica. Palavras-chave: Platão; alma; *Fédon*.

Abstract:

Investigating the nature of the soul, for many scholars, seems to be the central theme of the *Phaedo*. Although it is difficult to deny this position, it is not exclusive to the Platonic interest in this dialogue. Beside it, and as a way of understanding the paths to undertake an explanation of the nature of the soul, it is necessary to also seek to understand its relationship with the *know*. The theme of the soul serves as a guiding thread for the dialogue. In this sense, this work will focus mainly on the question of the soul. Given the need to undertake a study of the Platonic approach to *psyché*, a division is made to understand the meanings that can be extracted from the analysis of both the soul in Greek culture and in Plato's work. Therefore, this work, a partial result of the author's master's research, will address the meanings of: life, the eschatological, physiological, psychological, and ethical sense, as well as a perspective of the unity of the soul gained by the epistemological conception.

Keywords: Plato; soul; *Phaedo*.

O Fédon enquanto Diálogo Hipotético

O *Fédon* pode ser classificado, sem grandes problemas, no segundo grupo de diálogos platônicos, o dos chamados diálogos hipotéticos. São aqueles que teriam sido escritos num período intermediário da obra platônica, e que apresentam problemáticas relacionadas à questão das formas. Em tal diálogo, algumas hipóteses são lançadas por Sócrates, inclusive para buscar referendar posições tomadas ao iniciar a discussão do tema: a *alma*. Essa é indicada, por grande parte dos estudiosos, como a questão central do *Fédon*, desembocando em discussões as quais são especialmente ligadas à ética e à epistemologia. Sendo assim, esse seria um diálogo que se propõe a investigar provas a fim de garantir a defesa da imortalidade da alma.

No entanto, encontramos neste diálogo não somente o tema da *imortalidade da alma* ou o tema da *alma* tal como muitos pretendem defender. Para abordá-lo, o texto apresenta um tema paralelo, e não menos importante, talvez até mais crucial que o primeiro, qual seja, o tema do *saber*, por ser o meio pelo qual a investigação poderá ser desenvolvida na perspectiva de investigar a natureza da alma.

Mas as propostas de temática distintas no mesmo diálogo, geradoras de impasses, não se resolve facilmente. Nesse sentido, convém dizer que o *Fédon* é um diálogo desenvolvido numa sucessão de conversas sobre matérias articuladas, atribuídas à investigação acerca da alma. Para além da simplicidade da proposta que afirmaria estar o *Fédon* unicamente expondo o interesse de Platão em garantir a imortalidade da alma, podemos ver que o tema da alma serve de fio condutor ao diálogo. É este, portanto o tópico a reunir à primeira vista a convergência das questões nele apresentadas e desenvolvidas.

Situado no grupo dos diálogos hipotéticos, vemos que o *Fédon*, na vertente da questão associada ao saber, ou à possibilidade de saber, pressupõe a aceitação de hipóteses a partir das quais se mantém a discussão. Na esteira do saber, veremos que o diálogo defende a necessidade de referenciais objetivos para a investigação daquilo que se busca saber. Melhor dizendo, esses referenciais (*hipótese das formas*) propõem a liberação do discurso da tirania das opiniões, visto que, quanto às opiniões, *cada um pode defendê-las como lhe parece adequado*. Desse modo, à tona vem a pergunta: por quais referenciais objetivos devem ser satisfeita a continuidade da investigação? Esses referenciais são as *Formas*.

Os discursos proferidos pelos homens necessitam de referencias. Essa defesa de referenciais objetivos está presente de modo incisivo nos diálogos hipotéticos. Mas por que Platão insiste nesta questão tão debatida com sofistas em outros diálogos? Ficamos com a explicação da necessidade de referenciais para o discurso. Mas alguém ainda assim poderia apresentar as próprias coisas, ou seja, os objetos sensíveis como referenciais. Nesse caso, caberia questionar a valência de tais referenciais. Isto é, até que ponto eles são bastantes para a produção do saber? (SANTOS, 2008b, p. 60ss).

Essa questão é fundamentalmente própria da concepção dual platônica corpo/alma. Visto que a questão refere-se, em certa medida, ao estudo de quais os melhores modelos explicativos e se estes se encontram ligados ao corpo ou a alma, conseqüentemente, se estão ligados aos sensíveis ou aos inteligíveis.

A partir daí expõe-se um novo problema, que está em analisar o alcance ou a função das opiniões no processo de busca do saber. Será que podemos prescindir das *formas* como referenciais objetivos? Será que essa opção nos leva a descartar

todas as opiniões?

A fim de compreender os termos desse debate, é fundamental investigar a questão da alma, ligada propriamente ao percurso argumentativo desenvolvido no *Fédon*, para, assim, avaliar o alcance do problema da cognição. Dito isso, começamos por expor o tema da *alma*.

A problemática da alma

A perspectiva levada a cabo por esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema da *alma*, visto ser uma demanda difícil de ser alcançada na extensão que se dispõe para trabalhar em um artigo. Este tema, como já mencionado, é fundamental para conferir unidade ao *Fédon*, tendo em vista que, como nos é exposto na perspectiva dramática, é o ponto sobre o qual vai incidir a argumentação.

Sendo assim, a fim de tornar claro como o nosso tema se apresenta no contexto da cultura grega, deve-se tomar como ponto de partida a percepção de que o debate sobre a natureza de *Psyché/alma*² para um grego do século IV antes de Cristo jamais deve ser pensada nos moldes como é entendida pelo cristianismo³.

Alma na cultura grega

A leitura do que nos foi legada pela cultura grega acha-se em especial na *Ilíada* e na *Odisséia*, de Homero, e nos poetas clássicos. Essas obras estão entre os principais documentos acerca do modo singular como esse povo construiu sua história. Transmitida de forma oral, num dado momento a tradição começa a ser registrada utilizando-se de um novo recurso: a escrita. É nesse contexto tradicional das narrativas míticas, mas também dos primeiros textos filosóficos, que encontramos referências às primeiras noções de alma presentes na cultura grega. Desse modo, longe de encontrar-se uma noção única, deparamo-nos com algumas nuances. Conforme coloca Santos (2009, p. 13), as concepções de *alma/psyché* herdadas da tradição anterior são “*psyché* como ‘alento’ (pneuma), como ‘fogo’ (pyr), e como ‘sombra’ (skya)”.

Dessas noções teremos já uma indicação de que, após a morte, permanece algo da identidade pessoal do indivíduo. De modo especial, essa noção poderá ser conferida no Canto XI da *Odisséia*, no contexto da viagem de Ulisses ao Hades. Na descrição do Hades, podemos perceber que há menção a nomes de homens importantes, o que confere à vida no além uma certa identidade e continuidade da vida entre os homens.

Mas notamos aqui que não há uma única tradição grega com relação à alma. Naquele momento anterior à filosofia, já havia duas fortes tradições. A primeira, a que foi citada acima, segundo a qual as almas vão para o Hades após a morte, mantendo aspectos da personalidade, é a tradição homérica. A outra, a tradição da metempsicose, uma tradição órfico-pitagórica. Essa nos interessa mais por servir de base mítica para o argumento da reminiscência. Essas duas tradições, uma ao lado da outra, mantêm-se sob conflito ou tensão.

Embora a questão possa parecer simples, vale lembrar um importante estudo acerca das raízes do pensamento ocidental, a saber, o texto de Bruno Snell, intitulado: *Las fuentes del pensamiento europeo* (1963). Nesse trabalho o autor realiza, na introdução, uma análise acerca da questão da *alma*, ou ainda, com o uso

de um termo talvez melhor: *espírito*. Snell defende a tese de que no ocidente a noção de alma, ou a *descoberta do espírito*, é completamente original no pensamento grego, e o ponto de partida para aquilo que posteriormente se formula acerca da temática. Desse modo, não haveria necessidade de explicar o que fizeram os gregos com relação a essa descoberta por aquilo que foi feito por outros povos. Para Snell:

Não se trata de que os gregos mediante formas de pensar previamente dadas adquiriram novos conhecimentos científicos ou filosóficos, ou simplesmente melhoraram métodos mais antigos, por exemplo, de procedimento lógico. Os gregos criaram o fundamento do que nós chamamos de pensamento. Eles descobriram a alma humana e seu espírito⁴.

Tal afirmação coloca em evidência a ideia de que são os gregos os iniciadores sem precedentes de uma noção de alma no ocidente, mas uma noção de *alma* pensada propriamente como a *descoberta do espírito*. As perguntas que daí decorreriam são: Por que a palavra espírito é tão importante, e por que ele a utiliza? O que no fim aponta a uma semelhança entre o alma e espírito? E Homero acaba sendo citado como o mais antigo e remoto na cultura grega a introduzir os índices de uma original concepção de alma e espírito, a ser efetivada posteriormente. A convicção de Snell é a de que os gregos são pais do modo como os ocidentais, ainda hoje, entendem o mundo a partir de uma noção de unidade. Nesse sentido, a alma é amplamente devedora dos gregos:

Na Grécia vieram à tona concepções sobre o homem e sobre seu pensar claro e distinto, que determinaram o desenvolvimento posterior das idéias na Europa. O que se alcançou em torno do século V nos sentimos inclinados a considerar uma aquisição perene⁵.

Assim, não se pode simplesmente romper com tais posições adquiridas dos gregos, ou seja, não temos condições de, após a inventiva grega, prescindir dos termos por eles dados à noção de alma. E, por um lado, a resposta pode ser extremamente simples: não dispomos de termos mais eficientes. É por isso que Snell afirmou ser uma “aquisição perene”. Além disso, a concepção homérica de homem foi a primeira etapa daquilo que se veio a chamar “pensamento europeu”.

Esta primeira etapa, ou noção presente em Homero, expõe, dentro da noção geral do que seria a *psyché*, dois outros termos ligados às faculdades da *alma*: *thymós* e *nous*. Em primeiro lugar, *psyché* comporta o sentido de vida. Depois, a partir dos termos antepostos *thymós* e *nous*, verificamos que o primeiro está ligado a uma capacidade emotiva da *alma*, enquanto o segundo, *nous*, designa uma faculdade intelectual. Dessa maneira, *thymos* pode ser entendido como a causa das emoções e *nous* como a faculdade cognitiva geradora dos conceitos (SNELL, 1963, p. 28).

Não é evidente a semelhança entre as várias concepções presentes na cultura grega quando se trata desse *momento originário* do pensamento ocidental. Ao dizermos originário, estamos, em certa medida, aceitando a noção de que os gregos são os primeiros a se preocuparem com o *homem*, e, concomitantemente, com a tese de que são duas as partes que o constituem, a saber, corpo e alma. De modo especial, esta última, que representa o que foi considerado, não obstante controvérsias posteriores, a parte superior. Ou seja, a alma é entendida no ocidente

como superior ao corpo.

O que vale a pena destacar agora é que desde o momento proto-filosófico, qual seja, o das epopeias homéricas e da poesia lírica, delineiam-se os aspectos da estruturação do pensamento ocidental acerca dos elementos constituintes da vida humana, capazes de cobrir também outras formas de vida em Platão e Aristóteles.

No percurso grego desta problemática, encontra-se, já no auge da filosofia clássica, uma perspectiva da questão desenvolvida por Aristóteles.

Em seu tratado *De Anima*, Aristóteles elabora um estudo que se propõe a avaliar a alma compreendendo uma investigação acerca da essência e das manifestações dela. A princípio, a questão da alma, como discutida no *De Anima*, propõe uma definição: se a alma é una ou se se apresenta de vários modos, e mesmo se possui partes. Aristóteles busca explicar esse tema a partir da exposição dos sentidos atribuídos à alma desde a tradição que o antecede.

Para isso, ele parte do princípio de que é necessário efetuar uma análise da tradição. Tal procedimento engloba de modo especial a tradição “pré-socrática”⁶ e é iniciada no primeiro livro do *De Anima*. Assim, Aristóteles expõe que os filósofos que afirmam um princípio único afirmaram que a alma é una. Os que afirmaram a existência de múltiplos princípios afirmaram ser a alma múltipla, como o faz Empédocles (ARISTÓTELES, **De Anima**, 404b7). Isso implica a dificuldade em examinar a noção e encontrar uma unidade de pensamento acerca dela.

Aristóteles mostra-se preocupado em encontrar um resultado satisfatório para a pesquisa sobre a alma, de modo que possa ser universal e demonstrado com eficiência. No entanto, essa tarefa parece bem difícil. Ainda assim, ele está consciente de que não é possível demonstrar o *ti estin* – a definição –, pois esta empreitada poderia iniciar uma regressão ao infinito.

Desse modo, ele afirma que entre os sentidos abarcados pela alma na cultura grega podemos citar o de princípio vital, de modo que ela não estaria restrita ao ser humano nem somente à capacidade cognitiva, cobrindo também os sentidos de vida em geral. A crítica de Aristóteles vai desde os que afirmam ser a alma composta de elementos aos que afirmam ser a alma princípio de movimento. Para o filósofo:

Dentre as potências da alma, como dissemos, todas as mencionadas subsistem em alguns seres; em outros, só algumas delas e, em alguns apenas uma. E mencionamos como potências a nutritiva, a perceptiva, a desiderativa, a locomotiva e a raciocinativa. Ora, nas plantas subsiste somente a nutritiva, mas, em outros seres, tanto esta como a perceptiva. E, se subsiste a perceptiva, também subsiste a desiderativa, pois desejo é apetite, impulso e aspiração; e todos os animais têm ao menos um dos sentidos – o tato – e, naquele em que subsiste percepção sensível, também subsiste prazer e dor, percebendo o prazeroso e o doloroso; e, nos que eles subsistem também subsiste o apetite, pois este é o desejo do prazeroso (**De anima**, 414a29ss).

A noção de alma, como englobando o princípio vital, expresso por termos como “anima”, “animação”, é bastante abrangente. Essa incursão no *De Anima* mostrou que o filósofo aponta as várias perspectivas presentes na cultura grega a partir da análise da questão sobre a alma (ARISTÓTELES, **De Anima**, 403b20ss). De modo especial, vale ressaltar que, por mais que já seja distinto do primitivo o modo

pelo qual Aristóteles expõe o problema, ainda mais devemos ter consciência de que essas variadas noções gregas distam do modo como o assunto é tratado pela perspectiva cristã, pois esta acentua um aspecto moral e teológico, suplantando o aspecto primordial, de princípio vital.

É a partir desta noção: de *princípio vital*, que desenvolvemos uma exposição dos sentidos que a alma cobre na cultura grega, também encontrados no *Fédon*.

A noção de alma no Fédon

Em primeiro lugar, devemos atentar para a grande dificuldade de efetuar uma leitura do *Fédon* por dois aspectos. Tende-se na história da filosofia, em grande parte, a fazer uma leitura do diálogo como tratado, como se ele determinasse questões em diversos campos da filosofia, a exemplos do ético, psicológico, epistemológico. Outro aspecto é a historinha contada, sem a qual o leitor teria dificuldade de situar o fio condutor das conversas travadas.

Não obstante, pode-se apontar no diálogo diversas perspectivas que são tomadas por Platão ao apresentar a alma, como o fizemos anteriormente. Em especial, podemos ver que ela é tratada do ponto de vista *ético*, do ponto de vista *psicológico*, do ponto de vista *antropológico* e do ponto de vista *epistemológico*.

Objetivamos colocar em ênfase as opções feitas por Platão nesse diálogo para apontar uma noção de alma, de modo que esta apreciação contribua para uma compreensão dos pressupostos culturais/religiosos como estabelecimento de pontos em comum aos interlocutores presentes no *Fédon*.

O termo utilizado por Platão não é “*alma*”, visto que esta é a tradução que nos coube pela tradição, ao português, ao longo dos séculos, e é proveniente do termo grego ψυχή - *psyché*. Vale ressaltar que o termo *psyché/alma*, para os modernos, devido a processos históricos, culturais e religiosos decorridos ao longo dos séculos, possui conotações que, mesmo provenientes da cultura grega, não guardam os mesmos campos semânticos. É preciso considerar ainda que, após o cristianismo, a alma passou a ter sentidos que levam a interpretá-la na perspectiva religiosa cristã, o que difere da grega.

Importa frisar que o tema da alma não é exclusivo do *Fédon*. Em outras obras de Platão, esse tema aparece numa perspectiva complementar, que não rompe com o que no *Fédon* é exposto, mas apresenta novas perspectivas⁷. A temática perpassa vários diálogos apontando referenciais comuns em cada um. Não obstante a impossibilidade de falar de Platão como um autor de tratados, pois não se pode negar a convergência de temas e uma possível unidade do pensamento no decorrer dos diálogos.

Sentido de vida

O sentido relativo ao aspecto animado dos seres suporta a noção de que alma é vida, é aquilo que anima.

Sentido escatológico

Compreende a perspectiva do destino ou da finalidade a qual está destinada a alma. Comporta a questão da imortalidade, do lugar para o qual irá a alma após a

morte se, de algum modo, *sobreviver* à morte do corpo.

Sentido fisiológico

Abrange a noção de corpo, de funções fisiológicas, de comando do corpo. Envolve a questão do movimento, pelo qual a alma põe em movimento o corpo. Este aspecto está ligado a ação mesma da alma enquanto *anima*. Alma como regulação do corpo.

Sentido psicológico

A partir desta noção – alma psicológica – chegamos às questões da consciência e da personalidade, âmbito das sensações, paixões e apetites contrapostas à noção de razão.

Será a partir dessa vasta noção de contraposição, sensação e razão, que poderemos analisar a noção de alma raciocinativa ou calculativa. Esse aspecto já apresenta relação (no âmbito da filosofia antes de Sócrates) com a inovação feita por Heráclito, que usa pela primeira vez o termo alma com a intenção de apontar para um olhar apurado que não é realizado pelo âmbito físico da vida, mas que o ultrapassa, mesmo partindo de um olhar físico. Bruno Snell faz alusão a isso quando diz:

A nova concepção de alma foi representada pela primeira vez por Heráclito. Ele chama a alma do homem vivo *psyché*, para ele o homem consta de alma e corpo, e a alma possui qualidades que se distinguem fundamentalmente das do corpo e dos órgãos corpóreos. Estas novas qualidades são tão tradicionalmente distintas de tudo o que Homero pode conceber, que não se encontram nele nem sequer pressupostos lingüísticos para expressar o que Heráclito atribui a alma (SNELL, 1963, p. 38).

Mas será Platão quem primeiramente tomará a questão da alma como um problema filosófico a ser analisado. Desse modo, podemos entender que um aspecto que mormente superará Heráclito será o *do dualismo*. Pois Platão opõe as faculdades ligadas aos *sentidos*, que nos levam para as paixões, os apetites, que são assimiladas pelo corpo; e por outro lado, numa perspectiva diversa, a razão, ou o intelecto, relativos à alma, ou semelhantes a ela. Ao corpo está ligada a visibilidade. Um corpo tem contato com o visível, que efetua por meio dos sentidos, e a alma, ao contrário, capta as informações adquiridas pelo corpo, sendo que a concentração dele está no aspecto invisível. Por isso, devemos dizer que Platão afirma ser a alma detentora de capacidade cognitiva.

O que caracteriza então este sentido psicológico de alma em Platão? Pode-se tomar como pressuposto uma afirmação feita no *Fédon*, quando Sócrates pergunta se não seria justamente por intermédio do intelecto que se alcança a verdade (*Fédon*, 65b). Esse pressuposto aponta a alma como aquilo que, ao receber as senso-percepções do corpo, processa-as, produzindo uma análise ou julgamento. Isso porque, por mais que não se tenha percepção senão pelos sentidos, estes não podem, de nenhuma maneira, julgar aquilo que percebem. Este *perceber* enquanto passo que ultrapassa a recepção passiva indica a noção de uma consciência⁸.

Mesmo neste aspecto psicológico da alma, podemos ver que ela possui uma função de apoio ao corpo, no sentido de *animar o corpo*.

Sentido ético

O sentido ético está ligado à questão da *ação* do homem e da finalidade dele e também possui uma relação com a questão do destino das almas, como se observa quando se diz que se guarda um destino melhor para os bons e um pior para os maus (*Fédon*, 72e). Esta noção ainda aponta para uma moral, que é tomada por uma leitura puritanista do diálogo.

Tal aspecto apresenta ainda a unidade a partir da qual o homem mantém a capacidade raciocinativa, a partir da qual pode fazer julgamentos e escolhas. É somente a partir da identidade que a alma conserva, inclusive porque possui memória, que ela pode estabelecer os meios e princípios a partir dos quais agirá.

Notadamente esta abordagem visa a separar o fio condutor do diálogo, a saber, a imortalidade da alma, dos planos que fazem o percurso dessa pesquisa: dualismo, cognição, a relação saber/Formas até chegarmos à dialética e à aplicação das Formas, que se dá pela via da participação.

A posição de unidade da alma

É possível perceber no *Fédon*, apesar da dificuldade em fazer assertivas acerca da alma em Platão, uma tendência a se apresentar a alma a partir de uma *perspectiva unitária*. No *Fédon*, não encontraremos a noção de alma tripartida⁹, que é exposta no *Fedro* 246 e na *República IV*, mas também não podemos apontar uma ruptura na concepção de alma lá presente, inclusive porque o diálogo apresenta como dada a imortalidade da alma e a desenvolve diferenciando as almas dos homens e as dos deuses.

No *Fédon*, a primeira referência ao exercício da alma, no sentido de corroborar uma perspectiva cognitiva, aparece quando Sócrates deve explicar a Cebes como fazer para conciliar duas atitudes paradoxais, a *interdição de exercer violência sobre si e o desejo de seguir aquele que morre* (61 d-e). A pergunta de Cebes: “*como concilias tu isso?*”, indica uma noção de cognição que será exercida pela alma. Este questionamento aponta para a necessidade de deliberar sobre algo e esta deliberação acontece por meio da alma. Tendo em vista que a noção¹⁰ de alma é a de que ela transmite o sentido de vida, mas não somente este, no *Fédon* ela comporta um aspecto muito significativo para a vertente epistemológica, a saber, o aspecto cognitivo.

Apesar de buscarmos mostrar que em certa medida podemos extrair do *Fédon* uma noção de alma que comporte a atividade cognitiva, deve ficar claro que não obteremos nele uma unidade definicional, pois não é do interesse de Platão, no *Fédon*, definir alma. Sendo assim, o que nos faz aceitar que haja no pensamento platônico uma perspectiva de continuidade, encontra elementos para ser referendado no contexto da explicação dada por Sócrates, de não temer a morte:

Crês, portanto, sem restrições, que os interesses de um homem desta têmpera nada tem a ver com corpo e que, pelo contrário, a ele renuncia até onde lhe for possível, para se concentrar na alma [...] (*Fédon*, 64e).

A passagem retoma o ponto de partida do diálogo, no qual se expõe a tensão entre corpo e alma.

Considerações finais

O que vimos até aqui poderia ser facilmente destruído se não fosse pensado a partir de um objetivo específico, delinear a concepção platônica de saber, que passa necessariamente pela recepção deste na alma. Podemos tomar como dado a ideia de que *vida* cobre a noção de alma no pensamento platônico, e mais especificamente no *Fédon*. Depois, defendemos que, a respeito do que se fala da alma neste diálogo platônico, é possível referenciar um aspecto cognitivo da alma, de modo que será este aspecto cognitivo o que visará a explicar como se poderá produzir conhecimento. Pois só a partir dele, isto é, desse aspecto como uma faculdade da alma, é possível que ela seja capaz de reconhecer, julgar as percepções que recebe, aplicando, assim, às *Formas* esse reconhecimento. Ela identifica nos objetos percebidos a participação que esses têm nas Formas. Portanto, se o corpo não concebe nada, a parte que o faz é a alma, é ela quem dá unidade e sentido às percepções recebidas por meio do corpo.

Referências

ARISTÓTELES. **De Anima**. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.

BURNET, John. **A aurora da filosofia grega**. Trad. de Vera Ribeiro. São Paulo: Contraponto, 2006.

HOUAISS. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2009.

HOMERO. **Odisséia**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2009.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os Filósofos Pré-socráticos**. 6. ed. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Goulbenkian. 1990.

PLATÃO. **Fédon**. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

PLATÃO. **Timeu**. Trad. de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

REEGEN, Jean Gerard Joseph. **A psyché na Filosofia Antiga**. In. Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. Fortaleza: Inverno, 2005, p. 63-88.

ROBINSON. T. M. **A psicologia de Platão**. Trad. de Marcelo Marques. São Paulo: Loyola, 2007.

SANTOS, José Trindade. **Antes de Sócrates**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1992.

SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão. A ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. Tomo I. São Paulo: Loyola, 2008, (A).

SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão. O problema do saber nos diálogos da teoria das formas**. Tomo II. São Paulo: Loyola, 2008. (B).

SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão. Alma, cidade, cosmo**. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2009.

SNELL, Bruno. **Las fuentes del pensamiento europeo**. Traducción por Jose Vives SJ. Madrid: Editora Razón y Fe, 1963.

¹ Doutorando em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPB-UFPE-UFRN, mestre em filosofia pela UFPB, graduado em Filosofia pela UFS. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB, e membro do Grupo Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação-GEMPE/IFAL. E-mail: tiago.rosario@ifpb.edu.br
Link Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4268035P4>

² Sobre o tema da alma de modo específico há dentre a extensa bibliografia um artigo REEGEN, Jean Gerard Joseph. **A psyché na Filosofia Antiga**. In. **Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE**. Fortaleza: Inverno, 2005, p. 63-88. Neste texto o autor faz uma exposição da problemática da alma, nela ordenando a questão em torno de três problemas: a percepção nos pré-socráticos e Sócrates; a doutrina da alma; a crítica aristotélica. A abordagem apresentada por Reegen acentua a questão religiosa e conseqüentemente faz uma leitura ética da questão (p. 65ss). No fim, o percurso feito pelo professor busca apresentar um resgate da noção de alma na filosofia antiga mostrando que é um termo para o qual não há consenso.

³ Apesar de aspectos convergentes entre as duas maneiras distintas de estas culturas entenderem a alma, as divergências são mais notáveis, e, portanto, ainda mais importantes, tendo em vista que não encontramos na Grécia o aspecto dogmático no trato da questão como o encontraremos no cristianismo. Para explicar o sentido de dogmático aqui referido, apontamos a noção de que um grego por exemplo não possui uma unidade da questão, enquanto que no cristianismo, destarte algumas divergências, busca-se apresentar uma identidade da alma de forma que possa ser entendida por todos pelo mesmo viés.

⁴ Cf. tradução em: SNELL, **Las fuentes del pensamiento europeo**. Trad. de Jose Vives SJ. Madrid: Editora Razón y Fe, 1963, p. 8: "No se trata de que los griegos mediante unas formas de pensar previamente dadas adquirieran nuevos conocimientos científicos o filosóficos, o simplemente mejoraran métodos más antiguos, por ejemplo de procedimiento lógico. Los griegos crearon de raíz lo que nosotros llamamos el pensamiento. Ellos descubrieron el alma humana y el espíritu humano".

⁵ Cf. SNELL, 1963, p. 17-18: "En Grécia vieron la luz concepciones sobre el mundo y sobre su pensar claro y despierto, que han determinado el posterior desarrollo de las ideas en Europa. Lo que se alcanzó alrededor del siglo v nos sentimos inclinados a considerarlo como adquisición perenne".

⁶ O termo está entre aspas para destacar as divergências que há na tradição filosófica quanto a esta nomenclatura. Duas obras sobre o tema, de modo apropriado, fazem referência ao cuidado que se deve ter quanto a colocar todos os filósofos anteriores a Sócrates numa mesma perspectiva, como se estivessem todos direcionados a mesma questão. Conferir: BURNET, John. **A aurora da filosofia grega**. Trad. de Vera Ribeiro. São Paulo: Contraponto, 2006; e SANTOS, José Trindade. **Antes de Sócrates**. Lisboa: Gradiva, 1992, 2ª edição.

⁷ Três diálogos de modo mais particular tratam o tema da alma, e os apresentam a partir de mitos: na *República*, no *Fedro* e no *Timeu*.

⁸ Não se tome o termo consciência como uma afirmação de Platão, visto que não encontramos esta palavra no seu texto. Mas ao analisarmos a questão psicológica, necessitamos por uma questão didática referir esta palavra como proposta de unidade no interior daquele que conhece. Se formos

ao dicionário, verificaremos que a palavra *com-ciência* possui o sentido de ter ciência, estar com ciência, verificando-se ainda os sentidos de ter conhecimento, discernimento, etc. (Cf. HOUAISS.

Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

⁹ Esta noção é sugerida a partir do mito do auriga. Nele a alma é explicada a partir da imagem composta de um condutor de cavalos e dois cavalos, um branco e um preto, que representam as inclinações do homem para agir segundo o impulso e segundo a razão. Assim sendo, o cavalo branco representa uma força apolínea, regrada, e o cavalo preto, o desregramento. O resultado desta distribuição de forças, é um conflito constante, no qual a alma pode conduzir a existência humana pela razão se deixar-se guiar mais pelo cavalo branco, ou segundo os instintos se deixar-se guiar mais pelo cavalo preto.

¹⁰ Utilizamos o termo *noção* tendo em vista que Platão não se preocupa em definir alma de modo preciso como poderia por meio de um conceito, até porque seria reduzir-la a uma exposição unitária que deixaria de fora várias nuances fundamentais na cultura grega e em sua filosofia.

Recebido em: 11/2021
Aprovado em: 07/2022